

Quarteto de Cordas de Matosinhos

29 out 2024

19:30 Sala 2

Vítor Vieira violino
Juan Maggiorani violino
Jorge Alves viola
Marco Pereira violoncelo

Dmitri Chostakovitch

Quarteto de cordas n.º 3, em Fá maior, op. 73

(1946; c. 32min)

1. Allegretto
2. Moderato con moto
3. Allegro non troppo
4. Adagio —
5. Moderato — Adagio

Antonín Dvořák

Quarteto de cordas n.º 12, em Fá maior, op. 96,

“Americano” (1893; c. 25min)

1. Allegro ma non troppo
2. Lento
3. Molto vivace
4. Finale: Vivace ma non troppo

Dmitri Chostakovitch

SÃO PETERSBURGO, 1906 – MOSCOVO, 1975

Quarteto de cordas n.º 3, em Fá maior, op. 73

Dmitri Chostakovitch destacou-se como, provavelmente, o principal sinfonista da história da música do século XX. No catálogo da sua obra, a par das 15 sinfonias, avulta igualmente a série de 15 quartetos de cordas. Porém, ao contrário das sinfonias, os quartetos não abarcam a totalidade do seu percurso criativo, representando apenas uma parte da sua evolução enquanto compositor. Concebidos ao longo de um período de 36 anos, entre 1938 e 1974, todos datam da maturidade de Chostakovitch. Esta série de 15 quartetos parece obedecer a uma organização tonal peculiar e terá ficado incompleta, visto que o compositor terá projectado um conjunto de 24 obras em tonalidades diferentes. A natureza intimista deste meio contribuiu para que lhe concedesse um carácter mais biográfico do que à sinfonia e, de facto, os principais eventos ocorridos na sua vida parecem ter encontrado ressonância nestas obras. Com os quartetos de cordas, Chostakovitch deu um contributo importante para o aprofundamento das capacidades expressivas deste meio, mesmo não tendo procurado ultrapassar os limites existentes, como fizeram os seus antecessores Beethoven e Bartók.

No Quarteto de cordas n.º 3 em Fá maior, de 1946, Chostakovitch reflecte sobre a sua experiência de guerra. O carácter enigmático da obra sugere a existência de uma mensagem oculta, inaugurando uma tendência que se intensificará nos últimos quartetos. Concebido numa escala quase sinfónica, este é um dos seus quartetos mais longos, incluindo vários dos seus traços distintivos e podendo ser considerado uma das obras mais características do seu período médio. O “Allegretto” inicial abre com um tema inocente. No desenvolvimento há uma fuga dupla que introduz um ambiente mais brusco e o andamento conclui de forma hilariante. O início do “Moderato con moto”, em Mi menor, rompe inesperadamente com o humor anterior: a ingenuidade deu agora lugar à acidez e à amargura, por vezes à agressividade, as quais se acentuarão nos andamentos seguintes. O “Allegro non troppo”, em Sol sustenido menor, é um *scherzo* enérgico e ainda mais violento, que parece escarnecer do mundo militar. Segue-se um “Adagio” em Dó sustenido menor, um momento elegíaco e profundamente emotivo, por vezes doloroso e desesperado, construído na forma

de uma *passacaglia* de grande simplicidade, o que o torna ainda mais eloquente. O acumular da tensão conduz ao “Moderato — Adagio” final, que se inicia escuro e indeciso, tornando-se em seguida mais confiante. Depois de atingir um momento de clímax, em que o baixo da *passacaglia* anterior ressurgue em cânone, a música silencia gradualmente, tocando o ouvinte com a elegância da sua expressividade.

LUÍS M. SANTOS, 2022*

Antonín Dvořák

NELAHOZEVES (BOÉMIA), 1841 – PRAGA, 1904

Quarteto de cordas n.º 12, em Fá maior, op. 96, “Americano”

Antonín Dvořák assumiu-se como um dos mais destacados compositores checos de orientação nacionalista no século XIX, com uma música que foi por vezes minorizada como ingénua e espontânea, mas que de facto é marcada pela versatilidade e complexidade. Ao longo do seu percurso criativo, a composição de música de câmara foi sempre um dos seus principais interesses, tendo deixado neste domínio uma produção prolífica e diversa. O Quarteto de cordas n.º 12, op. 96, em Fá maior, “Americano”, foi composto em poucos dias no Verão de 1893, durante as férias do cargo de director do Conservatório de Nova Iorque (desempenhado entre 1892 e 1895), passadas numa região rural do Iowa. Seria estreado em Boston, a 1 de Janeiro de 1894, tendo rapidamente alcançado lugar de relevo no repertório de câmara. De facto, a obra marcou um ponto importante na produção do compositor, que aqui finalmente encontrava um equilíbrio entre a fluência da sua invenção melódica e a clareza estrutural. Além disso, o quarteto reflecte igualmente o fascínio que nutriu por música afro-americana e nativa americana, o que é sugerido pela raiz pentatónica dos temas e pela abundância de síncopas e ritmos peculiares.

O primeiro andamento, “Allegro ma non troppo”, abre com um primeiro tema de perfil pentatónico, cuja enunciação cabe primeiramente à viola, surgindo um segundo tema, em Lá menor, que reforça a atmosfera idílica, e ainda um terceiro tema, em Lá maior, também de cariz pentatónico. Após o desenvolvimento e a reexposição, o *allegro* encerra com uma coda baseada em motivos do tema principal. O segundo andamento, “Lento”, consiste numa longa e melancólica melodia, dada como que num único fôlego, sobre o ostinato das vozes graves, evocando de algum modo espirituais negros ou canções rituais índias. Segue-se o terceiro andamento, “Molto vivace”, um *scherzo* marcado por uma ideia rítmica concisa e pela oposição entre dois segmentos contrastantes. Por fim, o “Finale: Vivace ma non troppo” é um rondó que joga com dois temas marcados por um elemento rítmico percussivo, recordando os nativos americanos, o que contrasta com um breve episódio meditativo central que, porém, não afasta a atmosfera jubilosa do andamento, ainda mais ampliada na coda final.

LUÍS M. SANTOS, 2019*

Quarteto de Cordas de Matosinhos

Aclamado como um caso singular de excelência no panorama musical português (Diana Ferreira, *Público*, 2010), o Quarteto de Cordas de Matosinhos (QCM) foi criado pela Câmara Municipal de Matosinhos através de um concurso público. Desde 2008 é residente desta cidade, onde desenvolve uma temporada regular de concertos.

O QCM foi escolhido como uma das ECHO Rising Stars (2014/2015), por nomeação da Casa da Música e da Fundação Gulbenkian, realizando uma tournée de 16 concertos em algumas das mais importantes salas de concerto europeias, como o Barbican em Londres, o Concertgebouw em Amesterdão, o Musikverein em Viena, as Philharmonies de Hamburgo e Colónia e a Konzerthaus de Dortmund. Apresenta-se também regularmente nas maiores salas de concerto portuguesas, como a Casa da Música, a Fundação Calouste Gulbenkian e o Centro Cultural de Belém, e colabora com alguns dos mais destacados músicos portugueses, tais como Pedro Burmester, António Rosado, Miguel Borges Coelho, António Saiote, Paulo Gaio Lima e Pedro Carneiro.

O QCM e os seus membros foram reconhecidos com prémios nos mais importantes concursos musicais nacionais, como o Prémio Jovens Músicos da RDP e o Concurso Internacional de Música de Câmara “Cidade de Alcobaça”. Todos os membros estudaram na Academia Nacional Superior de Orquestra e aperfeiçoaram a sua arte em várias escolas de prestígio, incluindo a Escuela Superior de Música Reina Sofía (Madrid), a Northwestern University (Chicago) e o Conservatório de Sion (Suíça). O QCM também realizou formação especializada no Instituto Internacional de Música de Câmara de Madrid, onde estudou com Rainer Schmidt (violinista do Quarteto Hagen), além de trabalhar em masterclasses com membros de grandes quartetos de cordas, como os quartetos Alban Berg, Lasalle, Emerson, Melos, Vermeer, Kopelman e Talich.

Mais recentemente, o QCM lançou o CD *Raízes*, um álbum que enaltece o património português através de uma escrita única e original para quarteto de cordas, editado pela Naxos. Inspirados na tradição do nosso país, Eurico Carrapatoso, Telmo Marques, Sérgio Azevedo e Fernando Lapa, quatro conceituados compositores, transportam-nos para o universo da música tradicional, desde Miranda até às nossas ilhas, através de novas sonoridades à luz da escrita musical atual.

* O autor não aplica o Acordo Ortográfico de 1990.